

DÍVIDA EXTERNA

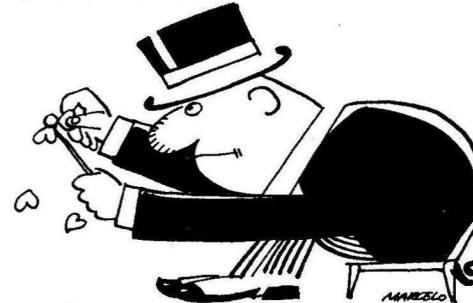
EUA defendem estratégia de negociação caso a caso

ANCHORAGE, ALASCA — A proposta dos Estados Unidos para a mudança dos critérios de negociação da dívida externa não prevê uma solução global para o problema e sim a continuação do exame

caso a caso, pois cada devedor tem suas particularidades. A advertência foi feita ontem pelo Secretário do Tesouro americano, James Baker, em escala no Alasca, a caminho de Seul, Coréia do Sul, onde participará da reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Bird).

Sem dar detalhes da proposta, Baker deu a entender que ela será um aprimoramento da estratégia de negociação empregada até agora, "pois existem óbvias resistências" aos métodos atuais, em várias nações devedoras. O Secretário discutirá o assunto hoje, logo que chegar à capital sul-coreana, com os Ministros das Finanças do Japão, Grã Bretanha, Alemanha Ocidental e França e com o Diretor-Gerente do FMI, Jacques de Larosière.

Os americanos deverão propor a atuação conjunta do FMI e do Bird na renegociação, com empréstimos de longo prazo para o desenvolvimento, em vez dos créditos de curto prazo para fechamento de balanço de pagamentos, como vinha fazendo até agora o FMI. Banqueiros que se reuniram com Baker, há poucos dias, informaram que ele defendeu a concessão de US\$ 25 bilhões em novos empréstimos aos países em desenvolvimento, nos próximos três a



quatro anos. O dinheiro seria concedido através de co-financiamentos de que participariam os bancos internacionais e o Banco Mundial.

Os países do Terceiro Mundo — que integram o chamado Grupo dos 24 — já informaram que se opõem, terminantemente, à idéia da atuação conjunta do FMI e do Bird. Eles temem que, com a união das funções das duas entidades, os países tomadores de empréstimos sejam obrigados a cumprir as exigências de reajuste econômico por 15 ou 20 anos (prazo dos empréstimos de desenvolvimento do Bird) e não mais por dois ou três (prazo dos acordos com o FMI) como até agora.

As nações pobres propõem o aumento dos empréstimos do Banco Mundial, dos atuais US\$ 14,4 bilhões ao ano para US\$ 20 bilhões, em 1990, mantendo-se as condições em vigor (prazo longo, com supervisão da aplicação do dinheiro mas sem exigências de amplas metas econômicas). Pedem, também, que o FMI suavize seus programas de austeridade, para permitir o crescimento econômico, e que a instituição conceda empréstimos adicionais, sempre que as taxas de juros internacionais aumentem, para que o serviço da dívida não pese demais sobre as economias dos devedores.